

# A RAZÃO COMO MEDIADORA DO PRECEITOS ESTOICOS: UMA ANÁLISE DA OBRA “EPÍSTOLAS MORAIS À LUCÍLIO” DE LÚCIO ANEU SÊNECA

Stéfani de Almeida Onesko (PPH/LEAM-UEM)<sup>1</sup>  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Renata Lopes Biazotto Venturini – orientadora (DHI/PPH/LEAM-UEM)<sup>2</sup>

**Resumo:** Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C - 65 d.C), nos presenteou com uma obra recheada de preceitos estoicos, na qual a orientação sobre como “viver segundo a razão, logo, como viver bem”, transparecem em seus escritos de forma clara e objetiva. A moral como mediadora de toda a doutrina filosófica que compõe o livro constrói sua ética a partir da moderação das paixões, entendidas como doenças da alma. Nesse sentido, os ensinamentos sobre uma vida justa e retilínea, dedicadas à instrução de seu amigo Lucílio, nos capacitam observar como o mestre da terceira geração do estoicismo, explanou a teoria moral desta filosofia, inclusive legando os ensinamentos aqueles que o sucederam nessa linha filosófica.

**Palavras-chave:** Estoicismo; Razão; Sêneca.

## Introdução/Justificativa

O presente trabalho propõe analisar a obra “Epístolas Morais à Lucílio” de Lúcio Aneu Sêneca, procurando observar os preceitos estoicistas que estão presentes na obra. Tendo como base a razão, a obra do filósofo contempla as características e princípios da doutrina estoica. Algumas reflexões que permitem elucidar os princípios estoicistas tais como como riqueza, razão, virtudes, vícios, a igualdade entre os homens, a política, o espírito comunal são tratadas em seus escritos com um fim reflexivo.

## Um Tratado Moral

A obra *Epístolas Morais à Lucílio* pode ser considerada uma das obras mais significativas de Lúcio Aneu Sêneca, pois a mesma fora constituída no final de sua vida, portanto, retrataria a fase mais madura de suas reflexões acerca do estoicismo. A obra perpassa um precioso caminho para se entender a natureza humana e os valores da sua existência.

A Epístola ou Carta fora escrita para Lucílio, que socialmente pertencia ao grupo dos cavaleiros, por tê-la socialmente conquistado. Graças às suas virtudes, seu talento e diligência, Lucílio se tornou um homem socialmente importante, ocupando cargos na carreira pública romana. Sêneca tinha muito apreço por Lucílio, por considerá-lo um indivíduo que possuía um caráter virtuoso, vendo nele um possível conhecedor e mestre dos preceitos estoicos. O que faltava à Lucílio para

---

<sup>1</sup> Pesquisadora do laboratório de Estudos Antigos e Medievais (LEAM) e mestranda em História junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup> Orientadora junto ao Programa de Pós-Graduação em História e professora de História Antiga do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

desenvolver o conhecimento pela filosofia era alguém que o guiasse quanto às suas potencialidades. Basicamente seu compromisso e meta se circunscreviam a converter o amigo Lucílio à doutrina estóica, expondo e interiorizando as reflexões sobre tal filosofia.

[...] Diremos que el libro I está concebido como introducción a toda la obra: en él Séneca aconseja a Lucilio el retiro para hacer mejor uso del tiempo, dedicándose a la filosofía, que enseña a perfeccionar al hombre interior, buscando la amistad de los sabios sin ocultarles secreto alguno y disponiéndose a la muerte sin temor (MELIÁ, 1986, p. 24).

O objetivo a ser alcançado por Sêneca em seus escritos direcionou-se à aplicação da filosofia para a realidade humana influenciando a conduta do ser. É uma ligação da teoria para a prática. Segundo Meliá (1986) Sêneca sonhava não só em aconselhar e instruir o amigo no caminho da doutrina estóica, mas ser imortalizado, garantindo assim sua posteridade.

A moralidade é a essência da obra, contendo exemplos de pessoas diversas, a quem condena determinadas ações ou as que são usadas como exemplos de admiração por sua conduta.

De acordo com Sêneca, enquanto a natureza assemelha homens e animais quanto às necessidades vitais, os diferencia pela razão contida somente nos seres humanos. A razão, para os estóicos, é o que daria as regras para que o homem vivesse em harmonia com a natureza e com a filosofia. Existiriam duas naturezas humanas que poderiam ser seguidas: a inferior, em que o homem seguiria os instintos da natureza e não a natureza em si. Nestes instintos se refletem as paixões, dos quais os animais, que agem por instinto, possuem. Ou, uma superior em que o homem não se deixaria levar por seus instintos, mas sim e unicamente pela razão, assemelhando-se aos deuses. A razão na filosofia estóica é que deveria imperar sobre as nossas vontades naturais e senão eliminá-las, pelo menos controlá-las (SÊNeca, 1986).

Quando nos remetemos aos dois pilares da filosofia estoica, os vícios (a ideia do mau indivíduo) e as virtudes, (a ideia do bom indivíduo) conseguimos entender melhor seus fundamentos. A ideia do bem se refere ao bom senso, a prudência, a consciência e a temperança que estão ligadas à ordem e conveniência, à justiça e equidade e a benevolência, à coragem, a firmeza e a constância, a piedade e clemência, o viver em comunidade (BRUN, 1986). Todas essas características diagnosticariam a ideia do bom homem.

Pohlenz analisa a virtude da seguinte maneira:

A virtus é a completa manifestação do logos que é em cada um de nós e é por isso também a máxima da perfeição individual, uma condição espiritual complexa perante à qual os indivíduos virtuosos passam em segundo plano; ao par que a eudaimonia ela não permite graduações e é em igual medida acessível a todos os seres humanos, homens e mulheres, cidadãos livres e escravos (2005, p. 655).

Em antítese às virtudes, o estoicismo julga como o mau ou os vícios, a dor, o medo, o prazer, a inveja, o ciúme, o desgosto, o despeito, a vergonha, a hesitação, a angústia, o ódio, a rivalidade, o ressentimento, entre outras, que eram consideradas doenças da alma e por si só um mau (BRUN, 1986).

O verdadeiro bem, de acordo com Sêneca, provém da boa consciência, das atividades honestas, das atitudes justas, do desprezo por bens supérfluos. Aqueles homens que sempre patinam em busca de novos caminhos ou retomam os antigos, sem uma escolha estável e certa, acabam por ter uma vida incompleta e se tornam despreparados para a morte. O ser humano se diferencia dos outros seres quanto à virtude, porque estes são contemplados pela razão. A razão é tão somente uma parte do espírito divino engendrado no corpo humano.

Desse modo, Sêneca constrói três pilares para uma vida conforme à filosofia: a virtude, a razão e a natureza. Esses três elementos estariam sempre em harmonia com a filosofia estoíca e se entrelaçariam.

[...] La razón es igual a la razón, como la rectitud a lo recto; luego la virtud a la virtud, dado que ésta no es otra cosa que la recta razón. Todas las virtudes son obra de la razón; son obra de la razón si son rectas; puesto que son rectas son también iguales (SÊNECA, 1986, p. 376-377.).

Um dos pontos mais marcantes na obra se refere ao valor das virtudes realizadas por qualquer indivíduo, independentemente de classe social, de nação, de riqueza e de laços familiares. Tanto mais valia um escravo incumbido de virtudes e que as praticasse, do que um homem importante que apenas se submetesse aos vícios.

Interessante retratar essa igualdade entre os homens perante a filosofia, verificada nos grandes membros da Escola Estoíca e o contraste que estes tinham na vida pública, o caso do próprio Sêneca que era um aristocrata romano, Epicteto que fora um escravo e o próprio imperador Marco Aurélio. Não importava a posição social ocupada, mas sim, o homem que agia com a reta razão e com virtudes.

Hemos de buscar un bien que no empeore de día en día, al cual no puedan ponerse obstáculos. ¿Y éste cuál es? El alma, pero siempre que ésta sea recta, buena y grande. ¿Con qué otro nombre la designarás sino con el de un dios que se hospeda en el cuerpo humano? Esta alma puede encontrarse tanto en un caballero romano, como en un liberto, como en un esclavo (SÊNECA, 1986, p. 230-231).

Sêneca, repetidas vezes, expõe que o status do homem na sociedade nada tem de especial, tanto um liberto, um escravo, um cavaleiro romano, possuíam o poder de conquistar seu espaço perante os deuses. Não seria a riqueza ou o status que se mostrariam importantes para a filosofia estoíca, mas os rumos tomados pelos indivíduos. Para Sêneca, o tratamento ofertado a um homem de status deveria ser o mesmo ao escravo. Não havia diferença, o filósofo criticou, e muito, aqueles que julgaram determinado indivíduo pela riqueza ou pelo grupo social e distinguiram a forma de tratamento dado (SÊNECA, 1986).

Sêneca critica o repúdio e o modo como eram tratados os escravos. Para o filósofo, seria por esse tratamento opressivo e arisco que os escravos acabavam por adquirir o ódio perante o seu senhor. Sêneca afirmou, que os escravos quando tratados de forma digna zelavam pela vida dos senhores.

[...] Son esclavos. Pero también son hombres. Son esclavos. Pero también comparten tu casa. Son esclavos. Pero también humildes amigos. Son esclavos. Pero también compas fieros de esclavitud, si

consideras que la fortuna tiene los mismos derechos sobre ellos que sobre nosotros (1986, p.275).

Em suma, é interessante observar, segundo Vicente (p. 4, 2010), “enquanto os gregos e os romanos só consideravam cidadãos os homens livres, Sêneca oferece a todos, até mesmo aos escravos, algo maior que a própria cidadania titular: a liberdade de espírito”.

Ao estudar o estoicismo, nos deparamos com uma filosofia que se preocupa em orientar o homem para o fim de sua vida, e que procura fazer com que o homem entenda que a morte é apenas uma etapa que deve ser cumprida com honra.

A filosofia que prepara o homem para a morte, de acordo com Sêneca, deve estar de acordo com a vida que o mesmo levou enquanto vivo. Se a vida fosse praticada de modo imperfeito, pelo menos no momento decisivo, o da morte, o homem deveria procurar viver bem e de acordo com os princípios estoicistas. Para Sêneca, a filosofia deveria ser vivida, praticada, e não apenas acumulada como conhecimento desprovido de valor moral. A filosofia torna-se para o homem uma fortaleza que lhe ajuda nos diversos momentos da vida, seria o grande porto seguro para que o homem se preparasse bem para sua morte (SÊNeca, 1986).

A morte sempre está presente, portanto as pessoas deveriam não deixar para depois o cumprimento de boas ações. As pessoas não deveriam se deixar envolver pela angústia quanto à morte, mas sim, viver bem a vida, pois quando se vive adequadamente não há o que temer.

Existiriam dois elementos que não deveriam amedrontar os indivíduos: a morte e a prisão. Muitos sábios que passaram por isso, pelo sofrimento que quase os levou à morte e muitos que passaram pelo cárcere viveram esses momentos até mesmo com alegria, pois não deixaram o vício tomar conta da razão. O único motivo que deve assustar é com o próprio temor individual. A morte seria um processo, desde quando nascemos estamos morrendo e o que realmente dá um fim à vida é a morte última. “La muerte ¿qué significa? O un final, o un tránsito. Ni me asusta terminar, porque es lo mismo que no haber comenzado, ni pasar a la otra orilla, ya que en ninguna parte viviré con tanta estrechez como aquí” (SÊNeca, 1986 p. 336).

Sêneca assim resume o valor da vida: “[...] lo que importa es vivir bien (SÊNeca 1986, p. 395). É por esse entendimento sobre a vida, que o autor afirma que o sábio vive então, enquanto dever estar vivo e não enquanto puder. O que realmente tem relevância é a qualidade da vida e não sua duração.

Sêneca ao observar o tempo, caracteriza-o como curto e rápido, por isso não podemos perder intervalos de tempo. O filósofo se indigna com as pessoas que perdem tempo com futilidades. A importância da vida não está na longevidade da mesma, mas como a empregamos, se realmente a aproveitamos do modo correto. Diversos homens viveram muito tempo, mas ao mesmo tempo viveram pouco, porque não empregaram suas ações em utilidades (SÊNeca, 1986).

A verdadeira amizade para Sêneca resumia-se no fator confiança. Quando as pessoas apenas chamam as outras de amigas sem confiar e sem demonstrar confiança sobre esta amizade, a mesma se mostra simplesmente inviável. Um amigo serviria para momentos de partilha e de angústias.

Sêneca diz se contrapor à Epicuro, quando afirma que o sábio apesar de bastar a si mesmo, anseia por amigos. Destaca a necessidade desses amigos como um apoio para com as eventualidades da vida (miséria, doença), por acreditar que é preciso ter amigos para ajudá-los na filosofia de vida e não com segundas intenções (SÊNeca, 1986).

Sêneca prestava elogios aos homens que viviam com alegria e aqueles que venciam as dificuldades. A alegria do indivíduo não era mais importante do que a força e a firmeza de ânimo e espírito sob tortura, sob o sofrimento. O estado de alegria era desejado, o estado de firmeza sob as penalidades da vida era merecedor de admiração.

Ao indivíduo seria válido ter sempre como base algum mestre, alguém que ajudasse e aconselhasse nos pensamentos da vida. Depois de compreender os ensinamentos, aí sim, o refúgio, o momento de isolamento na reflexão, seria oportuno, mesmo que em meio às multidões. Mas caso, o homem não estivesse preparado para lidar com seu próprio mau caráter, as multidões é que deveriam abrigá-lo a fim de fugir de si mesmo, de suas imperfeições.

Tudo o que fosse aprendido era passível de ser ensinado, pois não existia importância no conhecimento se este não fosse partilhado entre os amigos. Nada tinha de especial apenas ouvi-los, este ouvinte precisaria viver os princípios estoicos. Porém, os ensinamentos não precisariam ser partilhados com a multidão, pois nela dificilmente se encontraria alguém que aprendesse e captasse a filosofia. Por isso a reflexão e o refúgio interior seriam meios importantes.

Para Sêneca, era preciso ensinar e aconselhar aqueles que estavam dispostos a ouvir e praticar o que lhe foi ensinado. Não seria cabível correr atrás de discípulos que não procuram ajuda alguma e que não fazem questão de ouvir a verdade

“[...] la época de Séneca no se trataba tan sólo, ni principalmente, de preocuparse por las leyes del Estado- Ciudad, basadas en la tradición de las costumbres cívicas, sino por la construcción de una sociedad universal, de todos los humanos y de los dioses; para lo cual había que buscar un fundamento a la vez más general y más íntimo: se precisaba sustituir las leyes de la ciudadanía por las directrices de la recta razón.” (MELIÁ, 1986, p. 63)

O filósofo, ao criticar a atenção exclusiva aos bens materiais, não criticou aqueles que dela faziam parte, mas do valor que as mesmas davam a sua riqueza. A diferença se constataria apenas no íntimo do indivíduo e não no modo de vida, que poderia ser semelhante aos demais. Havia sempre um equilíbrio que deveria existir entre uma boa vida e uma vida mais modesta. O único problema é aquele que não conseguisse lidar com a riqueza, já que este se esquece da riqueza interior. No entanto, poderíamos nos abster de todos os bens supérfluos, vivendo com moderação, pois só o espírito seria digno de tamanha admiração e reconhecimento (SÊNECA, 1986).

Para os estóicos, todas as angústias, os sofrimentos e murmurações mereceriam desprezo. Pois, todo o sofrimento é vício, é um momento em que se deixa de usar a razão. Porém, pior que o vício real, é o sofrimento imaginário, na qual as pessoas sofrem por pensarem e imaginarem certas coisas que nem chegaram a acontecer, é a angústia que a determina.

Quanto ao corpo, Sêneca explicou que o cuidado com o corpo era um dever muito importante, mas, o homem não poderia se tornar um escravo de seu próprio corpo. O grande interesse pelo corpo faria do indivíduo um ser temeroso e apreensivo (SÊNECA, 1986).

A razão pede ao homem viver segundo a natureza e o que não possibilitaria que isso acontecesse seria o caminho dos vícios. Os defeitos, por menores que

fossem, tenderiam a aumentar, portanto, seria muito mais fácil evitá-los do que deixá-los acontecer e depois ter que possuir a destreza de lidar com eles.

De acordo com Sêneca, quem realmente aproveita e desfruta a riqueza é aquele que menos precisa da mesma. Muito mais proveitoso seria possuir livros do que a riqueza, que muitas vezes, é apenas motivo de preocupação. Além disso, o homem só conseguiria o tempo necessário para o estudo da filosofia quando administrasse seu tempo. A recompensa que resulta da filosofia é a liberdade constante e a ausência de medos diante dos homens e também dos deuses (SÊNECA, 1986).

A riqueza, as belezas, os bens supérfluos enfim, todos esses fatores externos não fariam parte da natureza humana, estariam apenas à sua volta. No homem apreciamos apenas aquilo que não se pode tirar e nem oferecer. E esta especificidade existente apenas no homem é a alma e dentro dela a razão que guiaria seus passos.

O espírito comunal esteve presente nos estoicos da terceira geração desde Sêneca. “Por decreto suyo (de la naturaleza) es mayor desgracia dañar que ser dañado; por mandato suyo las manos han de estar dispuestas a ayudar... Tengamos las cosas en común, pues hemos nacido para la comunidad” (SÊNECA, 1986, p, 52-53).

Sêneca afirmou a necessidade de viver para a comunidade. Não teria como o homem viver em plena alegria e felicidade apenas quando voltasse para si mesmo, pois ele só se torna completo quando compadece para com as pessoas que estão ao seu redor.

Sêneca demonstrou uma grande admiração para com aqueles que participaram da vida pública, em especial a figura do *princeps*. Os filósofos, segundo Sêneca, se beneficiavam da política do *princeps*, já que cabe a este manter a tranquilidade e segurança social. Os filósofos deviam total gratidão ao *princeps*, pois este proporcionava a paz, e seriam principalmente os filósofos que a sentiriam mais intensamente. Portanto, tinham a obrigação de reconhecer as benesses da política imperial, já que esta possibilitaria a esses uma vida serena e de liberdade para se dedicarem ao seu estudo

Presenta un verdadero programa de gobierno que fue aireado en los primeros años del principado de Nerón: el príncipe, a modo de alma que informa y vivifica el cuerpo del Estado, debe gobernar en nombre de la virtud, de la recta razón, la cual constituye el fundamento tanto de la justicia, como de la clemencia, que no es sino moderación en el ejercicio del poder” (GRIMAL apud MELIÁ, 1986, p. 70).

Sêneca destaca um aspecto importante da sociedade, a lei. As leis, segundo o filósofo, possuíam a utilidade de servir como parâmetro para a o ataque aos maus costumes, por isso, em regiões onde existem más leis, a conduta humana não era boa.

Para Sêneca, a filosofia ensina-nos a respeitar o divino e a amar o ser humano, estabelecendo aos deuses o governo do mundo e ofertando a condição humana igualmente entre os homens.

Desse modo, a doutrina estoica mostrou-se como uma fonte de existência feliz, tranquila e justa para o indivíduo. Apresentava-se para a sociedade romana como o caminho correto e essencial que o homem poderia seguir para manter-se

distantes de todas as oscilações e perturbações da vida material, bem como, dos vícios que pesam sobre o homem (ULLMANN, 1989).

## **Conclusão**

Os escritos de Lúcio Aneu Sêneca abarcam os aspectos morais da filosofia estoica, sendo sempre mediada pela razão exigida por parte dos filósofos desta escola, além da necessidade da virtude nas ações humanas. Assuntos como a igualdade no tratamento dos indivíduos, as concepções do bom e do mau homem, a virtude como um bem e o vício como um mal, o espírito de comunidade, a crítica à ostentação, a necessidade de agradecer o *princeps* pela paz concedida, entre outros assuntos, marcam a reflexão estoica voltada ao campo da moral.

Nas epístolas de Sêneca, conseguimos resgatar a importância da prática filosófica. Esta última deveria ser vivida, praticada, e não apenas acumulada como conhecimento desprovido de valor moral. A filosofia torna-se para o homem uma fortaleza que o auxilia nos diversos momentos da vida e propõe uma ética que respondia a concepção de indivíduo e de sociedade para o homem romano.

## **Referências**

### **Fonte impressa**

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Epístolas Morales a Lucilio - Introducción de Ismael Roca Meliá**. Vol I e II Madrid: Gredos, 1986.

### **Bibliografia**

BRUN, Jean. **O Estoicismo**. Lisboa: Edições 70, 1986?.

POHLENZ, Maximilian Hugo. **La Stoa: storia di un movimento spirituale**. Traduzione di Giovanni Reale. Milano: Bompiani, 2005.

VICENTE, José João Neves Barbosa. **Sêneca e a vida vivida na virtude**. UFRB, 2010.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **O Estoicismo Romano**. Editora Edipucrs. Porto Alegre, 1996.